

A DIGNIDADE NO FIM DA VIDA

Adalberto Hiller - *Unidade de Ponte Lima, UFP*

Coordenação Administrativa | hiller@ufp.pt

■ ABSTRACT

The way which our society faces death, is also the Result of the way which the same society faces life, because they are together in our way of life. Today, death is each time more distant from the familiar life, and is now a responsibility of the hospital, because nobody wants to have death near. Death is seen as a failure or a sign from medical incompetence.

Our objective is to reflect about the signs of the life we live in direction to death. If life has a sense, perhaps death as a sense too. It is necessary to live life in all her dimension, with all that she brings for us, in a way that death does not mean the end, the failure, but the final line. We could appeal to the living people, for them to look for the sense of their lives, and to live with dignity the fullness of one existence that have right to have the name of life.

■ RESUMO

O modo como a nossa sociedade encara a morte, é também o resultado de como ela encara a vida, pois elas caminham juntas. Hoje, a morte é afastada do seio familiar e relegada aos corredores ou quartos de hospitais, porque ninguém quer ter a morte por perto. A morte é vista como um fracasso e especialmente como sinal de incompetência dos médicos e da medicina. Nosso objectivo é reflectir sobre o sentido da vida que nós vivemos em direcção a morte. Se a vida tem um sentido, talvez a morte tenha um sentido também. É preciso viver a vida em toda a sua dimensão, com tudo aquilo que ela traz consigo, e realizá-la de tal forma, que a morte não seja o fim, não signifique uma derrota, mas que se torne na meta final. Poder-se-ia fazer um apelo aos vivos, para que busquem o sentido da vida para viver com dignidade a plenitude de uma existência que mereça o nome de vida.

■ INTRODUÇÃO

O valor da vida humana é inquestionável, e hoje cada vez mais as pessoas estão conscientes deste valor. A carta dos direitos humanos, reconhecida internacional ou mundialmente é uma referência que evidencia a preocupação e a determinação na defesa da vida de cada pessoa como um valor absoluto, bem como que aponta para a sua dignidade, ao dar-lhe tal estatuto.

Queremos neste trabalho reflectir sobre a dignidade no fim da vida, apontando especialmente para o modo como a nossa sociedade encara a morte, que é também o resultado de como ela encara a vida.

A morte hoje, afastada do seio familiar, relegada aos corredores ou quartos de hospitais, é uma amostra de como não se quer ter a morte por perto. A pessoa que está a morrer, permanece só, ou rodeada de profissionais de saúde que estão encarregues de seu cuidado, mas com os quais não tem nenhum laço afectivo e que não fazem parte da história de sua vida.

128 A morte, assim entregue às mãos dos médicos e ou profissionais de saúde, passa a ser de sua responsabilidade, de tal forma que muitas vezes ela é vista como fracasso e especialmente como sinal de incompetência dos médicos e da medicina. Por detrás destas atitudes e pensamentos está o sonho da imortalidade, mas, é apenas sonho. Tudo tem um limite, a vida também tem. Ao reconhecer que o homem é mortal, que tem um tempo de vida limitado, de nada adianta certos malabarismos que servem apenas para mascarar a morte e aldrabar a vida. É preciso encarar a morte como parte de nossa vida. Aliás, vida e morte caminham juntas, e por isso deveríamos ser seus discípulos, e aprender com ela.

Num mundo como o nosso que não gosta de falar da morte e que tenta enganar-se a si e aos outros a respeito da mesma, é preciso perceber, e aprender, que é importante viver. Mas que o viver por viver não é suficiente. É preciso encontrar um sentido para a vida. E a certeza da morte, pode ajudar a que se compreenda que é preciso ter um objectivo nesta caminhada. Por isso, também nossa preocupação e reflexão pelo sentido da vida, pois ao encontrar este, é que poderemos também encontrar sentido para a morte. De contrário, como poderá ter sentido a morte, se nem a vida o tem?

Quem não viver bem, dificilmente morrerá bem. O nosso objectivo é pois que se desperte para a vida, para que, quando esta chegar ao fim, seja com a dignidade da pessoa humana. Que a morte seja digna, porque a vida também o foi.

Antes de mais, o objectivo deste trabalho é o de chamar a atenção para a vida e o seu sentido, para que o seu fim não seja uma derrota, mas seja uma meta a alcançar.

I. VIDA E MORTE.

À primeira vista, a vida parece excluir a morte, e muitos optam por, enquanto vivos, distanciar o pensamento da morte, como se esta não fizesse parte da existência humana.

A vida como um bem fundamental, nos possibilita ter dois tipos de discursos éticos no âmbito da ética da vida: o parenético e o científico. Ao se falar da sacralidade da vida, utiliza-se a explicação parenética; ao se falar em qualidade de vida, o discurso científico.

Na ética da sacralidade da vida, no discurso parenético a vida é considerada propriedade de Deus, dada ao homem para administrá-la. É um valor absoluto que só a Deus pertence. O ser humano não tem nenhum direito sobre a vida própria ou alheia. O princípio fundamental é a inviolabilidade da vida.

Numa abordagem científica a vida é um Dom recebido, mas que fica à disposição daquele que o recebe, com a tarefa de valorizá-lo qualitativamente. Nesta o ser humano é o protagonista, e o princípio fundamental é o valor qualitativo da vida.

Os defensores da sacralidade da vida acusam os que defendem a qualidade, de usarem este argumento para atentar contra a vida, pois que defende que uma vida sem qualidade não vale a pena ser vivida, e isso é uma forte justificação para a eutanásia. Há que lembrar, que nos países subdesenvolvidos, há quem nunca atinja a qualidade de vida. E há que lembrar também, que não é a questão financeira a que se traduz numa boa qualidade de vida.

“O carácter sagrado da vida não se opõe necessariamente à qualidade de vida. Na tradição judaico-cristã, as duas dimensões se comunicam e nesta tradição, a preservação da vida humana é um valor fundamental mas não absoluto”.

O princípio da sacralidade da vida situa-se como equilíbrio entre o vitalismo físico, e o utilitarismo pessimista.

Entre estes dois extremos, conforme Pessini e Barchifontaine (1991), o princípio da sacralidade da vida afirma que a vida física é um bem básico, fundamental, mas não absoluto, que deva ser preservado a todo custo.

A morte é um acontecimento biológico inevitável porque a vida está organizada como um programa natural finito. Pela sua inteligência e pela sua afetividade, os homens reconhecem este carácter finito e atribuem à vida um valor elevado, mas aceitam o fim inevitável com naturalidade, sem angústia nem temor, embora com algum desgosto. (AA.VV., 1996).

A morte hoje é escondida e camuflada. O cortejo fúnebre, desaparecido da cenografia urbana, a cuja passagem toda a gente tirava o chapéu diante da majestade da morte e também o afastamento do moribundo do meio doméstico e familiar, a afastam do mundo dos vivos. O prolongamento da vida acaba por ser um prolongamento da agonia e um ofuscamento da experiência do eu, culmina no desaparecimento da experiência da morte.

A morte passa a ser uma decisão do médico encarregado do caso. Isto exclui os sobreviventes de qualquer participação e intervenção no irreparável acontecimento. Frequentemente, nem o auxílio espiritual oferecido pela Igreja consegue aceder ao moribundo, nem aos seus familiares e amigos.

A experiência da morte ocupa um lugar central na história da humanidade. Poderia até afirmar-se que guia a sua humanização. Enterrar os mortos, é um sinal distintivo do homem.

Para todo o homem é inconcebível o facto de que a consciência humana, capaz de se arrojar ao futuro, um belo dia se extinga! A morte é um mistério, mas a vida também o é.

Ésquilo, o poeta trágico grego expõe o problema da morte e da sua importância para a vida do homem. Prometeu, amigo dos homens, declara que o seu mérito a favor destes não foi tanto pelo facto de lhes ter entregue o fogo e todas as habilidades a ele ligadas, quanto em tê-los privado de saber quando chegaria a sua morte. Antes dele – Prometeu – lhes ter conferido o Dom de

130 ignorar o momento da própria morte, os homens teriam levado uma existência miserável e inactiva e teriam habitado nas cavernas, sem poder criar nenhuma das obras da cultura que os distinguem de todos os outros seres vivos. (Gadamer, 1993).

Alguém tem futuro enquanto não sabe que o não tem. A repressão da morte é portanto vontade de viver. Viver é também morrer, mas antes e acima de tudo é preciso saber viver.

É possível que parte da relação interna entre a vida e a repressão da morte, consista na certeza de que o fim da própria existência permanece oculto, apesar de se ir afirmando lentamente em todo o ser em desenvolvimento, como um conhecimento interno muito profundo.

O mundo modernizado desloca por completo a experiência da própria morte ao ponto de marginalizá-la da vida pública. Há uma transformação da imagem do desaparecido, pois, já só se podem dizer coisas boas sobre o morto. É quase impossível estabelecer porque é que com o adeus definitivo, se sente uma espécie de presença diferente do defunto.

A morte de um pai, por exemplo, pode avivar no filho momentos vividos e palavras ditas, que agora, na ausência do pai, tem um peso e um sentido muito maior, com qual irá permanecer até ao fim dos seus dias.

Ateus e crentes põem-se de acordo em honrar a majestade da morte. Haverá um reencontro, dizem os crentes, para lá também vamos nós dizem os ateus.

Não queremos, mas quem vive, vê-se obrigado a aceitar a morte. E esta não depende de ser aceite ou não, pois de certeza acontecerá.

A vida eterna pregada pela igreja cristã é incompreensível, mas não menos do que a morte.

Na promessa da ressurreição, segundo Gadamer (1993), o indivíduo ganhou, como em nenhum outro lado, grande preponderância para a sua vida; no âmbito da cultura cristã, mesmo para lá de todas as secularizações, isso conferiu à vida e à morte um imenso peso.

A vida que desperta para o pensar e para o perguntar, interroga-se para além de todos os limites. Conhecer a angústia e não poder entender a morte – eis o grito do homem ao nascer e que jamais de todo se extingue.

Viver e morrer caminham juntos. É impossível falar de vida, sem falar da morte. A vida vive-se no tempo e por isso, vive-se morrendo e morre-se vivendo. No entanto, a vida tem de seguir o seu caminho, tem de cumprir o seu percurso.

É preciso viver a vida em toda a sua dimensão, com tudo aquilo que ela traz consigo, e realizá-la de tal forma, que a morte não seja o fim, não signifique uma derrota, mas que se torne na meta final.

II. O SENTIDO DA VIDA

O problema do significado da morte de uma vida humana. O que é que morre no ser humano que morre? Na verdade, a vida clama por um sentido, e por isso, mais do que a busca de uma resposta do porquê da morte, se busca na verdade um sentido para a vida, e é o sentido da vida que pode dar sentido à morte.

Em Miranda (2000), Sêneca disse: Quando eu sei que estou condenado a sofrer dores sem fim, então quero deixar esta vida não para evitar a dor, mas porque esta dor será um impedimento para todas as outras coisas que constituem a razão para viver, o filósofo grego compreende com grande lucidez o ponto em questão, a vida de uma pessoa pode ficar sem razão para existir quando não tem um sentido. G. Vattimo, diferencia entre uma vida biológica e uma vida biográfica, referindo-se a esta última como às experiências com sentido da pessoa. Àquilo que a pessoa vai escrevendo com a sua vida. Há situações que tornam a vida biológica “insignificante, muda ou mesmo intolerável do ponto de vista biográfico”. E assim, o que está envolvido na discussão da eutanásia “é o problema geral do significado a dar à vida.

A Vida “biográfica”, são as marcas que cada um deixa de sua passagem por esta vida.

Viktor E. Frankl, dedicou a sua longa vida a reflectir sobre o sentido da vida e a ajudar, os que tinham perdido este sentido, a voltar a encontrá-lo. Ele estava convencido do papel central do sentido da vida na existência de cada ser humano e das consequências catastróficas, para o indivíduo, da perda deste sentido que criou uma nova e eficaz metodologia psicoterapêutica, a que chamou “Logoterapia”.

Mesmo nos campos de concentração Viktor Frankl, viu que a chave para sobreviver, estava baseada na capacidade, mesmo nestas circunstâncias, de encontrar um sentido para a própria vida: A resposta típica com a qual alguém rejeitava todos os argumentos encorajadores era: “Não tenho nada a esperar da vida, nunca mais. Que dizer-lhe? “Aquele que não via na sua vida nenhum sentido, objectivo ou propósito, nenhum ponto para continuar, a breve trecho estava perdido”.

Pensamos ser decisivo para a questão que queremos reflectir neste trabalho, o sentido da vida, ao falarmos de dignidade no fim da vida. Pois uma vida sem sentido, também não encontrará na morte sentido algum. Por isso, não é possível falar de morte, sem falar de vida.

Vivemos hoje um vazio existencial (Miranda, 2000). Os suicídios e as depressões são mostras disso. Não estaria na altura de também em nosso tempo termos uma disciplina de “logoterapia”, uma escola para educar para a vida, para o seu sentido, que orientasse a ajudasse nesta busca? Frankl, verificou que as pessoas que tem de lutar pela vida todos os dias raramente perdem o interesse por ela. E sua prática terapêutica criou-lhe a convicção de que a

132 perda do sentido da vida é uma fonte de profundo sofrimento, causado por um estado a que chamou “vazio existencial”.

O problema da busca de um sentido para a vida não é certamente uma descoberta recente, mas é comum e particularmente opressora em nosso século XX. “Hoje já não estamos realmente confrontados com a frustração sexual, como no tempo de Freud, mas com a frustração existencial. As causas são uma liberdade sem maturidade, a pressão consumista dos *mass media*, a perda das tradições e do sentido da transcendência.

Segundo Einstein, aquele que considera a sua vida como destituída de todo o sentido não só é infeliz como é incapaz de viver.

A última tendência motivadora é encontrada no ser próprio do homem, na sua estrutura ontológica, como ser autotranscendente”. Por isso Viktor Frankl afirma, em Miranda (2000), que:” O homem está sempre orientado para outra coisa que não ele próprio; quer seja um sentido que procura realizar, quer outro ser humano com o qual quer encontrar-se. De qualquer modo, o facto de ser homem sempre o projecta para além de si próprio; e esta transcendência constitui a própria essência da existência humana. Frankl afirma que o sentido não pode ser dado: tem de ser encontrado. O sentido é uma coisa para descobrir, não para criar.

Ele também reconhece que a consciência que nos torna capazes de encontrar um sentido para a vida, sendo humana, é marcada pela finitude e pode enganar o homem. Na verdade, mesmo no fim da vida não podemos saber se encontramos o verdadeiro significado da vida. Mas esta incerteza não deve fazer-nos evitar o risco da busca.

Paul Tillich disse: Ser religioso significa investigar, apaixonadamente, qual é o sentido da nossa vida e, L.Wittgenstein disse que: ”Acreditar em Deus quer dizer descobrir que a vida tem um sentido. É sempre possível encontrar o sentido para a nossa vida.”

Nenhuma situação da vida é, de facto, desprovida de sentido. No entender de Miranda (2000), isto quer dizer que os mesmos elementos que parecem carregados com qualidades negativas, como é o caso da trágica tríade da existência humana – sofrimento, culpa e morte – pode sempre ser transformada numa vitória, num autêntico serviço, logo que sejam objecto de uma atitude e uma formulação correctas.

Nenhuma dor pode aniquilar o homem que está disposto a buscar o sentido dessa dor. O pedido de eutanásia é assim um pedido para anular a própria vida. É dizer, minha vida não tem mais sentido. Concordar com ela seria simplesmente dizer: “sim, tens razão, tua vida não tem mais sentido, já não tem valor nenhum e portanto tu não tens nenhum valor, é melhor que morras. Ao não concordar com a eutanásia, o médico está a dizer ao seu doente: “Não é verdade que a tua vida não tenha mais sentido, não estás capaz de o encontrar e eu compreendo-te. Mas a tua vida, mesmo nestas condições, tem

um sentido. Porque tu tens um valor que não depende do teu estado: tens valor porque és tu próprio. Continuarei a estar junto de ti e a ajudar-te; e continuarei a tentar ajudar-te para que possas encontrar o teu sentido e o teu valor até o último momento. Simplesmente porque gosto de ti.”

Isto é o amor. O sentido da vida encontra aqui, no amor, a sua última inspiração. A salvação do homem é através do amor e no amor.

Quando não há mais nada para dar, pode ainda amar-se e sentir-se amado e muitos doentes terminais, no momento de partir desta vida, deixaram-me esta mensagem: não ignore a vida, não ignore o amor. (Miranda, 2000).

O sentido da vida está em viver para o outro e em direcção ao outro, para a relação. O Homem é um ser relacional, no sentido horizontal em direcção ao próximo, com os outros, no matrimónio, na família, na sociedade, e, no sentido vertical, com o transcendente, o espiritual, Deus, que lhe proporciona uma esperança que ultrapassa a dimensão terrena e temporal da vida.

III. A DIGNIDADE E A MORTE.

O fim da vida é uma derrota ou uma vitória? O conhecimento científico e o desenvolvimento da medicina com toda a sua tecnologia, trouxeram muito mais conhecimento ao ser humano, do seu corpo e das suas doenças. Também por causa deste conhecimento aumentou consideravelmente o tempo de vida das pessoas. Mas, este conhecimento não tornou a morte um evento mais digno. O conhecimento biológico e as destrezas tecnológicas serviram para tornar nosso morrer mais problemático; difícil de prever, mais difícil ainda de lidar, fonte de complicados dilemas éticos e escolhas difíceis, mais geradoras de angústias, ambivalências e incertezas.

A medicina hoje trabalha para promover uma vida boa, saudável, aumentar o tempo de vida e sua qualidade. A morte é admitida com relutância no âmbito da medicina. É sentida como falha, e por isso difícil de aceitar.

Como a medicina deveria comportar-se para promover uma vida saudável e uma morte digna, em paz? E se a medicina aceitasse a morte como um limite que não pode ser vencido e usasse esse limite como um ponto indispensável para pensar a respeito da doença?

Se a morte é parte do ciclo da vida humana, então cuidar do corpo que está a morrer deve ser parte integral dos objectivos da medicina, que tem hoje diante de si um desafio ético, o de humanizar a vida em seu ocaso, devolvendo-lhe a dignidade perdida.

Pessini e Barchifontaine (1991), afirmam que: quando a vida física é considerada o bem supremo e absoluto, acima da liberdade e da dignidade, o amor natural pela vida se transforma em idolatria. A medicina promove implicitamente esse culto idólatra da vida, organizando a fase terminal como uma luta a todo o custo contra a morte. Também a responsabilidade de curar

134 termina quando os tratamentos estão esgotados. A medicina orientada para o alívio do sofrimento estará mais preocupada com a pessoa doente do que com a doença da pessoa.

No entanto, convém lembrar que a dor tem ao menos quatro componentes diferentes: Dor física é óbvio; dor psicológica a perda das esperanças e sonhos ou necessidade de redefinir o mundo; dor social é a dor do isolamento, a solidão, num momento em que a companhia é muito importante; a dor espiritual que surge da perda de significado, sentido e esperança. Todos necessitamos de um sentido, de uma razão para viver e uma razão para morrer. E por isso, ninguém deveria ficar só na doença e ou no final dos seus dias, pois “o sofrimento somente é insuportável quando ninguém cuida.”

Não somos nem vítimas, nem doentes de morte. É saudável ser peregrino. Podemos ser sim curados de uma doença classificada como mortal, mas não de nossa mortalidade. Quando esquecemos isso, acabamos caindo na tecnolatria e na absolutização da vida biológica pura e simplesmente. É a obstinação terapêutica adiando o inevitável, que acrescenta somente sofrimento e vida quantitativa, sacrificando a dignidade.

Para Daniel Serrão, há muito a fazer no sentido de levar a sociedade a compreender que morrer com dignidade é consequência de viver dignamente e não meramente sobrevivência sofrida. Se não há condição de vida digna, no fim do processo garantiríamos uma morte digna? Antes de existir um direito a morte humana, há que ressaltar o direito à vida. É chocante e até irónico por vezes constatar que a mesma sociedade que negou o pão para o ser humano viver lhe oferece a mais alta tecnologia para “bem morrer”!

O objectivo último da medicina é “curar as vezes, aliviar frequentemente, confortar sempre”. A implementação dessa visão na prática de cuidados na área da saúde vai garantir-nos a certeza de que poderemos, quando chegar o momento de dar adeus a este mundo, viver com dignidade a própria morte.

Qual é a pergunta que a morte põe à vida? Porque somos mortais, viver é preciso. Viver bem para poder morrer bem. Viver de tal forma que a morte não seja o momento de uma grande derrota, mas o momento de coroação, da vitória de uma vida que concluiu sua trajectória.

Para Pacheco (2002), a dignidade da pessoa está, ainda, intimamente relacionada com a sua condição de “ser livre”, pelo que podemos nela distinguir dois aspectos: a dignidade ontológica ou constitutiva, que é irrenunciável e não se pode perder porque está indissoluvelmente ligada à natureza do ser humano, e a dignidade que deriva do carácter livre do homem e da sua capacidade de aperfeiçoamento podendo assim dignificar-se mais ou menos, conforme se aproxima ou não da perfeição.

De facto, o homem quando nasce, embora sendo já pessoa, é um ser inacabado. Isto porque toda a nossa vida é um projecto, um processo que se desenvolve na senda da perfeição. O homem vive não na satisfação do que já

é, mas na esperança do que ainda não é, e toda a sua vida é um caminho até à sua realização como pessoa. A consciência é a luz que guia o seu caminho, levando-o a distinguir os actos que aumentam a sua dignidade daqueles que a diminuem.

“Antes viver, do que apenas estar vivo! Sentir, amar, reflectir e inventar”, como diz o professor Daniel Serrão. Neste viver activo e criativo, fazer a nossa parte como co-criadores, com as capacidades que nos foram confiadas e no amor aos que nos cercam, encontrar a transcendência de uma com sentido bem maior, que ultrapassa ao entendimento humano.

O desafio é viver a vida, e não morrer a vida. Na luta pela vida, encontramos a dignidade humana, no sentido de uma vida, que não vive por viver, mas para algo, em direcção a alguém, em busca do sentido de existir.

Nesta reflexão a respeito do morrer com dignidade, pensamos ser relevante a ortotanásia. O grande desafio da ortotanásia, o morrer correctamente, humanamente, é o resgatar da dignidade do ser humano na última fase da sua vida, especialmente quando ela for marcada pela dor e sofrimento. A Ortotanásia é a antítese de toda a tortura, de toda morte violenta em que o ser humano é roubado não somente de sua vida mas também de sua dignidade.

Nesta compreensão, dizem Pessini e Barchifontaine (1991), não somos a favor da eutanásia mas, também não da distanásia, que é defeituosa na própria palavra, pois o prefixo “dis” que vem do grego, tem o significado de um acto defeituoso, e quer dizer, morte lenta, com dor e sofrimento, e significa “prolongamento exagerado da morte de um paciente”, ou ainda um tratamento inútil. E nesse caso convém perguntar: manter a pessoa “morta-viva” interessa a quem? A ortotanásia, significa a morte “em seu tempo certo”, sem abreviação nem prolongamentos desproporcionados no processo de morrer. Diferentemente da eutanásia, é sensível ao processo de humanização da morte, alívio das dores, e não incorre em prolongamentos abusivos com a aplicação de meios desproporcionados que impõe sofrimentos adicionais.

No mundo cristão pré-moderno, a arte de morrer bem tinha seus parâmetros culturais bem definidos. Morrer bem significava morrer na própria cama, em casa rodeado pelos familiares e amigos, tendo se confessado, recebido a comunhão e colocado em ordem seus negócios enquanto vivo ou por testamento. Hoje, com a medicalização da morte, o cenário muda para a cama do hospital, rodeado de cuidados técnicos, mas longe do convívio dos que lhe são queridos.

O paradigma tecnocientífico da medicina procura prolongar a vida humana custe o que custar, e o paradigma comercial-empresarial procura prolongar a vida humana enquanto se pode arcar com o custo!

O conceito de ortotanásia permite ao doente e àqueles que o cercam, enfrentar a morte com certa tranquilidade porque, nesta perspectiva, a morte não

136 é uma doença a curar, mas algo que faz parte da vida. Uma vez aceite este facto que a cultura ocidental moderna tende a esconder e a negar, abre-se a possibilidade de trabalhar com as pessoas a distinção entre curar e cuidar, entre manter a vida quando esse é o procedimento correcto e permitir que a pessoa morra quando sua hora chegou.

Este bem estar global inclui muito mais que simplesmente morrer sem dor. Este segundo Pessini e Barchifontaine (1991), vai muito além do bem estar físico; insistimos que a saúde abrange também o bem estar mental, social e religioso. Não basta morrer sem dor. É bom, também, morrer reconciliado consigo mesmo, com as pessoas ao seu redor, com seu mundo e, para quem possui fê, com seu Deus. As fases do morrer são a última oportunidade de vivenciar a experiência de amar e ser amado e, no fundo, a ortotanásia não é outra coisa a não ser morrer saudavelmente, cercado de amor e carinho, amando e sendo amado.

Estar com a pessoa na hora da sua morte, é participar com alguém de um momento único da sua vida. Para os familiares, muitos destes momentos são para as reconciliações, as confissões e para o perdão. São momentos de inesquecível intimidade, e o simples facto de ali estar, é de grande ajuda e significado para quem morre e de grande consolo para quem fica.

A dignidade do homem traduz-se num reconhecimento do direito que cada homem tem de ser reconhecido como um fim e nunca como um meio ao serviço dos fins dos outros. A tradição cristã afirma cada pessoa como ser insubstituível, pois cada pessoa é criada e amada por Deus e este amor lhe confere a dignidade. E é também por esta mesma dignidade, conferida pelo amor de Deus, que o mesmo lhe promete uma vida eterna, que lhe é oferecida por Jesus Cristo. Para nós, isto é dignidade no fim da vida!

A Dignidade no fim da vida pode ainda revestir-se de especial significado, quando por vontade livre da pessoa que morre, num acto de solidariedade humana, seus órgãos forem doados e assim, ainda serem de utilidade para a vida de outras pessoas. Assim, uma tal vida, mesmo na morte ainda transmite vida.

■ CONCLUSÃO

Há um mistério que envolve a vida e encobre a morte. Sempre permanecerão perguntas sem respostas, mas que servirão para reflectir na vida e no seu sentido. A vida e a morte são como uma estrada de uma só via, pois andam no mesmo sentido sendo que, um dia a mais de vida é também um dia a menos. Por isso, a morte não nos espera no fim, mas está sempre presente em nossa vida, é uma companheira nesta caminhada.

O desenvolvimento da tecnologia e o avanço da medicina, afastaram a morte não só do convívio doméstico, como do pensamento das pessoas, de tal forma que hoje se aceita menos a morte do que no passado, pois antes ela era

natural, agora parece artificial. E há uma razão de ser desta artificialidade, pois o prolongamento da vida através de máquinas de suporte vital tornam artificial muitas vidas nos seus dias finais. Não concordamos com a eutanásia, mas também não somos a favor do prolongamento da vida, mas que ela ocorra no tempo certo.

Poder-se-ia fazer um apelo aos vivos, para que busquem o sentido da vida para viver com dignidade a plenitude de uma existência que mereça o nome de vida. Que todos pudessem morrer, não de doença prolongada ou de velhice, mas de vida bem vivida!

A Dignidade da vida está no facto ontológico de ser humano, e também no biográfico, onde escrevemos cada página da existência. E aqui encontraremos não só o sentido, mas a dignidade de quem viveu. A vida não tem valor matematizável, porque ela é um valor em si mesma. É a própria vida que dá valor às coisas. A dignidade da pessoa humana permanece com ela até o fim da vida, e diríamos até mesmo que ultrapassa o fim da vida, quando na memória dos que ficam, permanece a lembrança do que foi e continua a ser o ente querido que morreu.. É até mesmo, se quisermos, uma mostra da transcendência da vida humana, que não se extingue nem ao menos na morte, mas permanece viva, e muitas vezes com muita intensidade, na memória dos que ficam. Na biografia de uma vida contam os afectos criados, mantidos e vividos, onde não se mede a mesma pelos anos e ou dias vividos, mas pela intensidade do amor recebido e retribuído.

A sua dignidade torna-se maior ainda, quando como cristãos aceitamos a vida como uma dádiva de Deus e a eternidade que ele oferece pela fé em Cristo, como sua graça máxima, e que dá à vida seu verdadeiro sentido, e reveste a morte de um novo significado, pois por ela, passa-se para a vida eterna.

■ REFERÊNCIAS

- AA.VV., (1996). *Bioética*. São Paulo, Verbo.
- Gadamer, H.G. (1997). *O Mistério da Saúde*. Trad. António Hall. Lisboa, Edições 70.
- Miranda, G. (2000). *O sentido da Vida e a aceitação da morte*. In: *Brotéria*.150, pp.157-174.
- Pacheco, S. (2002). *Cuidar a Pessoa em Fase Terminal*. Loures, Lusociência.
- Pessini, L. Barchifontaine, C. (1991). *Problemas atuais de Bioética*. São Paulo, Ed. Loyola.